A história da Geografia é acompanhada de momentos de ruptura, debates teóricos, construção e reconstrução de conceitos. O forjar da sua identidade como campo de conhecimento é inerente a sua trajetória histórica. Sua historiografia é concebida em momentos e lugares diversos. Nesse sentido, ela existe desde que o homem constrói relações com a natureza, os povos antigos já concebiam conhecimentos geográficos e, por exemplo, podemos destacar os gregos com suas contribuições geográficas concebidas na sua época. O objetivo do trabalho que aqui se apresenta é analisar o ensino da geografia em um cenário tão diverso, dominado pela tecnologia e em que as tendências de comportamento desvalorizam as Ciências Humanas. O docente em Geografia, utilizando as TIC´s pode colaborar com um progresso didático no ensino, dividindo juntamente com as TIC´s os diversos conteúdos da ciência geográfica. A utilização dos recursos tecnológicos inserido na educação ajudará ao aluno a compreender sua realidade e consequentemente o espaço geográfico, em uma visão crítica.

Palavras-chave: Geografia; Ensino; Tecnologia. Recursos Didáticos.

1 INTRODUÇÃO

O capitalismo impacta de forma direta na ausência de espaços adequados para o estudo e o desenvolvimento intelectual, apenas para a manutenção de um sistema que privilegia uma pequena parte da população e a manutenção do poder político, econômico e também dos possuidores dos meios de produção. Contribuindo com a formação de uma população muito mais fácil de tornar-se massa de manobra, uma vez que o senso crítico exige tempo e esforço para ser desenvolvido e isso segue sendo gasto com a prioridade de sobrevivência através da venda do tempo e da força de trabalho pela recompensa financeira.

No materialismo dialético podemos afirmar que a burguesia agia como uma tese, enquanto o proletariado seria a sua antítese. A forma como o capitalismo não abre espaço para a educação, sobretudo para aqueles(as) alunos(as) que derivam das classes sociais mais baixas é uma representação clara do constante conflito que deve haver entre a burguesia e esse povo classificado como proletariado.

De maneira geral, é possível afirmar que a estrutura desse Estado, os sistemas econômicos e a manutenção do poder político e econômico possuem uma relação direta com as desigualdades sociais. Em suas valiosas contribuições sobre o tema, Florestan Fernandes (1972), pontua que a estrutura social foi idealizada, moldada e se adapta de forma frequente a fim de agir na manutenção das classes sociais, bem como na permanência dos agentes que se encontram em cada uma delas, mesmo que isso represente fome, ausência de direitos humanos e sociais e falta de qualidade de vida para centenas de milhares de pessoas.

Para o autor, a origem das classes sociais e consequentemente a das desigualdades sociais é associada ao desenvolvimento da estrutura social que tinha como objetivo se basear no padrão de civilização ideal vigente: o padrão europeu, branco, rico e nobre. Porém, com pouca frequência esse era o real padrão encontrado, de modo que os homens já tendiam a buscar alterar sua cultura, seus costumes, comportamentos e características físicas para que, de modo submisso e alienado, entrassem dentro desse padrão mesmo que de forma parcial (FERNANDES, 1972).

Dentre as classes sociais brasileiras, a mais marcante é a elite tradicional que - desde os primeiros passos do país enquanto nação - rejeita qualquer tipo de igualdade, sendo ela social, política ou jurídica, valendo-se da ideia de que a manutenção da superioridade de um seleto grupo, descendentes daqueles que ocupavam esse lugar antes, garante a continuidade de uma sociedade civilizada, nacionalista e conservadora (FERNANDES, 1972).

Mesmo que o Brasil tenha em sua história períodos de grande crescimento econômico e que sejam inegáveis as situações em que as parcelas mais pobres da população puderam ter acesso a bens de consumo e a ambientes em que antes não tinham possibilidade, ainda é desproporcional o crescimento econômico daqueles que já pertenciam às classes sociais mais elevadas da população, o que justifica o crescimento no número de milionários, bilionários e de multinacionais no Brasil. Em um país onde até mesmo as instabilidades econômicas e políticas podem favorecer os mais ricos e afetam de maneira muito mais agressiva aqueles que já possuem dificuldades para sobreviver de maneira plena, compreende-se como a desigualdade social pode se consolidar quase como uma realidade natural e impossível de ser alterada. O caminho para que essas transformações possam ocorrer é a educação, ideia que é defendida de forma integral pelo autor, ou seja, a ideia de que a educação é responsável por transformações sociais significativas (FERNANDES, 1972).

Harvey (s.d.) pontua que a relação existente entre o espaço geográfico e o capitalismo enquanto sistema econômico consiste justamente no fato de que, sem essa expansão geográfica, o capitalismo em si mal poderia estar em plena expansão no atual momento. Uma vez que depende de expansões na busca por mais formas de acumular capital, o que exige mais expansão geográfica.

Moreira (s.d) discute a forma como, até os dias de hoje, a Geografia é tratada como a Física das Ciências Humanas. Tal realidade deriva do fato de que, uma vez que volta seus estudos para o espaço físico do mundo onde vivemos, a Geografia tende a nutrir preocupações e avançar no campo que se relaciona ao meio ambiente e a sustentabilidade, de forma geral.

2 GEOGRAFIA: CONTEXTO HISTÓRICO

Segundo Sarandy (2004), a educação pode ser considerada então, uma das primeiras instituições sociais que passaram por uma grande reforma estrutural e ideológica. Agora, é preciso ensinar os alunos a lidarem com sua liberdade, seus corpos e suas ideias. Nesse ambiente as matérias que compõem as ciências humanas são colocadas em papel de destaque como ferramentas amplificadoras do ensino nacional, sempre abordando assuntos relacionados às interações entre os homens e a sociedade.

A escola tem como função, então, ensinar o aluno a conhecer, conviver, fazer e, por fim, a ser. Muitos dos conteúdos abordados durante o ensino da dessas matérias discutem sobre todos esses pilares ao lado dos contextos históricos nacionais e a sua influência nas relações sociais que se formam e se alteram. O olhar crítico é adquirido dessa forma, através do estudo da função política, economia e social dos homens perante o ambiente em que estão inseridos.

A história da Geografia é acompanhada de momentos de ruptura, debates teóricos, construção e reconstrução de conceitos. O forjar da sua identidade como campo de conhecimento é inerente a sua trajetória histórica. Sua historiografia é concebida em momentos e lugares diversos. Nesse sentido, ela existe desde que o homem constrói relações com a natureza, os povos antigos já concebiam conhecimentos geográficos e, por exemplo, podemos destacar os gregos com suas contribuições geográficas concebidas na sua época.

Segundo Moraes (2005, p.11), "O rótulo Geografia é bastante antigo, sua origem remonta à Antiguidade Clássica, especificamente ao pensamento grego". Para esse discurso, por exemplo, como os principais contribuidores de seu tempo para a Geografia grega, pode-se pontuar: Tales e Anaximandro, com seus estudos sobre a forma da Terra; Heródoto e seus estudos de descrição dos lugares e os estudos das relações homem e natureza de Hipócrates.

Em sua trajetória, a Geografia passou por muitas fases, segundo Tonini (2006, p. 15), a Geografia:

"os primeiros passos para a sistematização foram dados com a intenção de construir um campo de conhecimento com a finalidade de descrever os grupos humanos e seus lugares. Esse conhecimento foi buscado, inicialmente, nos relatos das aventuras dos exploradores, nas narrativas dos viajantes, nas relações entre os comerciantes, nos romances dos escritores, nas investidas dos historiadores. "

Nesse contexto, muitos dos conhecimentos ditos geográficos eram vistos como curiosidades sobre as coisas do mundo. Dessa forma, os relatos das aventuras além-mar, comprovam que a relação homem e natureza sempre fez parte do processo de desenvolvimento da Geografia.

O surgimento da Geografia se deu pelas condições históricas, a sua sistematização reporta-se segundo Moraes (2005, p. 59), "a especificidades da situação históricas da Alemanha, no início do século XIX, época em que se dá a eclosão da Geografia, está no caráter tardio da penetração das relações capitalista nesse país. " Nesse contexto histórico 8 acontecia à sistematização da Geografia finais do século XVIII, início do século XIX, com seus principais protagonistas Humboldt e Ritter.

Com a evolução dos saberes ao longo dos séculos, o constructo da Geografia nos seus diversos momentos históricos, destacamos as correntes de pensamento e suas escolas geográficas. Nesse contexto de desenvolvimento específico, a Geografia se dividia em duas escolas: Determinista representada por: Friedrich Ratzel (1844-1904), e Possibilista do francês Vidal de La Blache (1845-1918). Esta fase da história geográfica foi de extrema importância para a Geografia.

Os discursos em relação ao seu objeto de estudo são permeados de elementos que alicerçaram sua identidade como ciência. "Os diversos entendimentos que atualmente podem ser dados à Geografia foram gestados por intensas discussões conceituais em distintos contextos históricos, tramados desde sua institucionalização" (Tonini, 2006, p. 13). Na trajetória da Geografia seu processo de configuração até o status de ciência, foi articulado aos estudos da natureza e as explicações sobre as coisas do mundo. A partir dessa perspectiva vão se construindo as marcas identitárias para a Geografia, nos diversos momentos históricos em particular, o projeto de identidade e unificação alemã.

"Essencialmente, a partir de uma tecnologia disciplinar: a escolarização" (TONINI, 2006).

Para sua institucionalização como disciplina finais do século XIX, o contexto histórico vivido pela Alemanha contribui para a construção da Geografia escolar. Sabendo que segundo (MOREIRA, 2009):

"a Alemanha ainda não se constituía como um Estado Nacional, ou seja, as terras que hoje compreendem a Alemanha, no final do séc. XVIII e início do séc. XIX, eram pequenos grupos de feudos. Perante esta realidade, era necessário que esses pequenos grupos de terras se juntassem para formar um único Estado Nacional" [...]

A Geografia, de certo modo, exerceu um importante papel neste processo de unificação alemã. Porém, é preciso esclarecer que a Geografia escolar, em sua gênese, tinha como principal objetivo contribuir no processo alemão de unificação e de fortalecimento do nacionalismo. Anos depois, a Geografia é inserida no meio acadêmico com seu objeto de estudo já definido. Para Moreira (2009), Ratzel foi o principal nome nesta fase, pois o ponto de partida do que conhecemos como determinismo geográfico se dava pelo ideal de que o homem seria produto do meio, ou seja, as condições naturais é que determina a vida em sociedade podendo determinar o seu sucesso ou fracasso.

Já no século XIX, o francês La Blache surge como uma resposta às ideias deterministas de Ratzel. Nesse contexto diz Moreira (2009, p. 29):

[...] "a escola francesa adota o possibilismo como ponto de referência para seus estudos geográficos. A principal ideia possibilista é que o homem e natureza estabelecem relações mútuas, ou seja, ambos exercem influências entre si sendo que o homem passa a ser o agente ativo, abrindo possibilidades de desenvolvimento diante da natureza."

No final do século XIX, Ritter surge como um importante nome para a Geografia de sua época. Partindo da gênese do determinismo ratzeliano, a antropogeografia de Ritter estabelecia ideias positivistas e racionalistas trazendo consigo estudos ligados a relação homem-natureza. Seus estudos foram decisivos para a construção da Geografia moderna. Ao analisarmos o contexto em questão, pode-se destacar segundo Tonini (2006, p. 35), "Ritter divide com Humboldt a posição de pioneirismo na sistematização da Geografia". É nesse contexto Tonini (2006, p. 39) a Geografia escolar:

ao estabelecer que, para melhor governar era imprescindível conhecer melhor o quadro natural, direcionou seu discurso para descrever os povos via natureza, pois esta era o elemento de normatização, já que todas as relações de poder eram explicadas pela natureza. Segundo essa visão, a Geografia concentra em sua gênese "científica" a invenção das grandes metanarrativas geográficas que circulava na Geografia Escolar da época.

Nesse discurso da época a Geografia escolar se institucionalizava como ciência e matéria, esse foi o primeiro discurso inscrito na Geografia Escolar (TONINI, 2006). Para uma visão mais contemporânea da Geografia escolar, sua ruptura como conhecimento moderno, vale destacar os discursos geográficos que permeou novos significados para a relação sociedade natureza. E nesse contexto ganha destaque o discurso da renovação da Geografia.

2.1 O ensino legitimo da Geografia

Até meados da década de 1960 a geografia tradicional apresentava um caráter teórico positivista, de modo que o ensino era apoiado por métodos descritivos, para a explicação objetiva da paisagem. Deste modo, as ações humanas ocorriam no espaço geográfico, que era considerado um espaço absoluto. Com o advento do pensamento dialético, a partir da década de 1960, iniciou-se um processo de renovação, porém, algumas práticas docentes do ensino de geografia ainda eram influenciadas pelo pensamento tradicional. Segundo Santos (1996, p. 20):

"Com a renovação da Geografia o espaço começou a ser compreendido como uma configuração territorial onde se estabelecem as relações humanas contraditórias de produção e organização do espaço, considerando as dimensões subjetivas e singulares que os homens estabelecem entre si e com a natureza. Com base nesta nova ótica, a geografia escolar deve deixar de centrar-se na descrição empírica da paisagem, passando a estabelecer interpretações de origem política, econômica e sociocultural, associadas aos elementos físicos e biológicos que fazem parte da paisagem, investigando as múltiplas interações entre eles estabelecidas na constituição do espaço geográfico."

Portanto, é necessário a utilização de suporte técnico e recursos digitais - tecnológico afim de que sejam feitas leituras da paisagem, como descrição, observação, interação, análise, síntese entre outros. Com isso torna-se possível aos alunos uma visão aproximada de realidades distantes. Nesse contexto, para a ação pedagógica destaca Martins (2009, p. 64):

"cada vez mais, os professores deparam-se com desafios e situações que lhes impossibilitam atender as especificidades do seu trabalho. Exige cada vez mais que o professor dê conta de um campo de conhecimentos e saberes na sua atuação profis-

sional. São conhecimentos que ele precisa mobilizar pra transformar sua ação pedagógica."

Entretanto estudar Geografia é estudar o espaço como um todo, a partir das relações existentes que o configuram. Por isso é cabível ao professor como mediador do processo ensino-aprendizagem, possa analisar juntos com os estudantes as possibilidades que a Geografia tem a trazer e as ferramentas que podem ajudar na sua ação didática no processo ensino-aprendizagem.

Bem como todos os setores do mundo, o ensino da geografia também caminha a passos largos para se associar as novas tecnologias. A utilização dos multimeios educativos no Brasil, principalmente o uso da informática na educação, é datada na década de 1970. No ano de 1973, o poder público iniciou alguns programas para o uso dessas ferramentas na educação, na modalidade CAI (Computer Aided Instruction), realizada na cidade do Rio de Janeiro, na I Conferência Nacional de Tecnologia Aplicada ao Ensino Superior, onde obtivemos as primeiras experiências com o uso do computador como ferramenta para o ensino (MORAES, 1997).

Ainda na década de 1970, o Brasil iniciou investimentos na área de informatização da sociedade. "Buscava-se construir uma base que garantisse uma real capacitação nacional nas atividades de informática, em benefício do desenvolvimento social, político, tecnológico e econômico da sociedade brasileira" (MORAES, 1997, p.01).

2.2 Geografia, ensino e a tecnologia

A informática e todo o seu avanço estão praticamente permeando todas as atividades humanas, e por isso o ensino necessita de mudança de comportamento didático. Santos (1996) destaca: "a informatização é um fenômeno revolucionário para a sociabilidade e a comunicação humana, atuando sobre a produção e a reprodução do conhecimento de forma imediata". Estamos em um momento na história da humanidade em que a fluidez das informações é quase que imensurável.

Santos (2004 p. 14) alerta, "essas transformações podem ser entendidas, em que o atual é tanto mais difícil de apreender, nas fases em que a história se acelera, quanto nos arriscamos a confundir o real com aquilo que não o é mais". Então, torna-se difícil compreender o real, quando a história é dinâmica. Nos dias atuais, estamos inseridos no período técnico-científico informacional, onde os objetos são cada vez mais artificializados.

Libâneo (2010) em sua obra: "Adeus professor, adeus professora", analisa as transformações da sociedade e como os professores e as escolas são um importante instrumento democrático para a sociedade contemporânea. Explica ainda que, num mundo globalizado, onde ocorrem várias transformações científicas e tecnológicas em escala mundial, o papel da escola e dos professores é de ajudar o educando a "pensar cientificamente" os problemas humanos.

Libâneo (2010, p. 04) afirma que:

"A escola tem, pois, o compromisso de reduzir a distância entre a ciência cada vez mais complexa e a cultura de base produzida no cotidiano, e a produzida pela escolarização, junto a isso tem, também, o compromisso de ajudar os alunos a formarem-se sujeitos pensantes, capazes de construir elementos categorias de compreensão e apropriação crítica da realidade."

A organização de metodologias colaborativas poderá contribuir para tal finalidade que exige os novos tempos para a educação. A este propósito, entende-se que, desenvolver uma metodologia de forma colaborativa com alunos, contribuirá para que eles possam tornar-se mais ativos nas aulas conforme aponta Moran (2000, p. 53):

"A educação escolar precisa compreender e incorporar mais as novas linguagens, desvendar os seus códigos, dominar as possibilidades de expressão e as possíveis manipulações. É importante educar para os usos democráticos, mais progressistas e participativos das tecnologias, que facilitam a evolução dos indivíduos."

Atualmente a disponibilidade e o acesso à internet e outros meios digitais se tornaram mais fáceis. Pois bem, falando de novas tecnologias, voltado a finalidade didática, verifica-se a escassez de material preparado especificamente para escola no Brasil, mesmo apesar dos currículos escolares incentivarem o desenvolvimento de competências para consecução e utilização de informações por meio do computador e a sensibilização dos docentes para a presença de novas tecnologias no cotidiano. Com a globalização e o período técnico-científico-informacional torna-se quase impossível assimilar as transformações que ocorrem constantemente. Nesse contexto Cavalcante e Beisek (2010, p. 84), destaca:

"No âmbito escolar a utilização das Tecnologias Digitais auxilia no processo de construção de conhecimento, colaborando através dos recursos digitais na elaboração e desenvolvimento de metodologias, em especial nas aulas de Geografia. O ensino de Geografia possibilita a integração das tecnologias aos assuntos trabalhados como paisagem, território, espaço, redes e lugar proporcionam um olhar para o dia a dia dos estudantes, dessa maneira o uso das Tecnologias Digitais na construção do conhecimento dos alunos, só tem a crescer. E enfatizam

a importância do uso destas tecnológicas para o ensino de Geografia, reforçando a necessidade de o docente ater-se aos novos recursos metodológicos, com finalidade de trabalhá-los em sala."

O docente em Geografia, utilizando as TIC´s pode colaborar com um progresso didático no ensino, dividindo juntamente com as TIC´s os diversos conteúdos da ciência geográfica. A utilização dos recursos tecnológicos inserido na educação ajudará ao aluno a compreender sua realidade e consequentemente o espaço geográfico, em uma visão crítica. De acordo com Cavalcanti (2002, p. 82), "um grande desafio enfrentado atualmente pelos professores na prática de ensino é o de considerar que o trabalho escolar se insere numa sociedade plena de tecnologia". Com isso o professor de Geografia deve estar disposto a abraçar tais instrumentos contemporâneos, em todo contexto digital tecnológico, a fim de intermediarem a didática dos saberes geográficos com as novas tecnologias.

Em um mundo moderno convém um ensino moderno, e usando os mecanismos técnicos, certo que não é tarefa fácil ao professor, mas que sem dúvidas levará aos alunos ao melhor aproveitamento de suas aulas. O educador poderá fazer uso das novas tecnologias, propondo ludicidade e criatividade através de aparelhos modernos e contemporâneos como jogos, músicas, vídeos, programas de computadores, entre outros aparelhos técnicos.

Assim sendo, as instituições públicas ou privadas que fornecem liberdade e vantagens ao professor de geografia atuar com auxílio das novas tecnologias, nesse intuito estão investindo no aprimoramento das competências do educador e no desenvolvimento das habilidades afetivas, criativas e interativas de seus alunos. Como afirma Moran (2000, p. 86):

"A produção de conhecimento com autonomia, com criatividade, com criticidade e espírito investigativo provoca a interpretação do conhecimento e não apenas a sua aceitação. Portanto, na prática pedagógica o professor deve propor metodologias que contemplem elaboração de projetos que provoquem um estudo sistemático, uma investigação orientada, para ultrapassar a visão de que o aluno é um objeto, e torná-lo sujeito e produtor do seu próprio conhecimento."

Para Moraes (1997), "o simples acesso à tecnologia, em si não é aspecto mais importante, mais sim, a criação de novos ambientes de aprendizagem e de novas dinâmicas sociais a partir do uso dessas novas ferramentas". Considerando ao uso das tecnologias no ensino, pode-se considerar como ferramentas úteis e eficientes para o desenvolvimento intelectual, formativo do indivíduo. Tornando os procedimentos de ensino-aprendizagem um manejo aprimorado e positivo que beneficia a qualidade da formação do discente.

Contudo atualmente a inclusão das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC'S), nas aulas de Geografia, é vista ainda como um recurso desafiador, porque contempla uma novidade no sentido de ensinar e trabalhar em sala de aula, objetivando a construção do conhecimento do aluno, que este desafio está voltado ao uso de imagens, fotografias aéreas, leituras de paisagens, contextualizando-as com o tempo, o lugar, escala, bem como a referência à relação sociedade/natureza permeado o dia-a-dia, tornando a aprendizagem do aluno significativa (STURMER, 2011 p. 10).

Com essa afirmação, é notável a necessidade dos educadores a buscarem meios para atualizarem-se às exigências do ensino contemporâneo, pois quando adotá-los tornar-se ao as suas aulas mais interessantes e significativas.

Para a Geografia, nas últimas décadas, tem-se visto um aumento de interesse e a necessidade de explicar teoricamente seu trabalho e sua produção. Da mesma forma, a motivação tem sido a busca por quadros teóricos e conceituais que são mais específicos para a disciplina de geografia, tentando ir além da simples adição da produção de outras ciências sociais.

O tradicional ensino de geografia deu lugar à revisão de uma noção que, ao longo da evolução histórica da geografia como ciência, tem ocupado um lugar central na disciplina: o espaço (CORRÊA, 1995). Sem querer investigar a fundo este aspecto, é conveniente salientar que o espaço, como um objeto de estudo da geografia, tem havido discussões intensas, levando a significativos avanços conceituais em função de clarear os fundamentos teóricos da geografia como uma ciência social.

Cavalcanti (2012 p.45):

No ensino de Geografia, os objetos de conhecimento são os saberes escolares referentes ao espaço geográfico. São resultados da cultura geográfica elaborada cientificamente pela humanidade e considerada relevante para a formação do aluno. Propostas mais recentes desse ensino são pautadas na necessidade de trabalhar com os conteúdos escolares sistematizados de forma crítica, criativa, questionadora, buscando favorecer sua interação e seu confronto com outros saberes.

As ciências sociais, de modo geral, incluindo a geografia, por tradição, concentraram seu interesse no tempo, negligenciando o espaço. A Geografia tradicional tem con-

siderado o espaço absoluto, como algo que existe em si, fora o seu conteúdo e sua percepção.

Da mesma forma, o espaço foi considerado como uma categoria de pensamento, bem como o tempo, que são indispensáveis para a experiência humana e anterior. Kant considerou-os categorias, desde que não concebeu a experiência humana fora do espaço e tempo. Este tipo de conceito de espaço foi privilegiado e assumido na perspectiva idealista, que tem colocado ênfase sobre o ser humano para saber as condições e modo, influenciando o mesmo (QUIVY, 2005).

Estas e muitas outras concepções de espaço têm dificultado o desenvolvimento e a consolidação dos conceitos e quadros teóricos relativos ao espaço geográfico; mas, ao mesmo tempo, não impediram que o conhecimento alcançado nele seja socialmente útil. Espontaneamente, a noção de espaço e o conjunto de referências espaciais, de forma teórica e reflexiva, permitiram a constituição do conhecimento social, eles facilitaram o desenvolvimento social (SANTOS, 1996).

Atualmente, um grande número de estudiosos da geografia coincidem em considerar o espaço geográfico como uma construção social, palavras de Cavalcantti (2002); ou seja, é um espaço social. É um produto da ação humana, portanto não é um objeto determinado ou pré-existente, mas isso ocorre socialmente e, como tal, também historicamente frente a sua recriação constante.

Essa concepção implica uma mudança muito importante e significativa, no que diz respeito as posições da geografia tradicional, uma vez que implica que o espaço é um objeto a ser investigado no âmbito dos processos sociais que envolvem a ele, como parte do mesmo. Logo, partimos do pressuposto que os professores de geografia têm uma grande responsabilidade na construção de mediações didáticas que possibilitem aos estudantes lerem o mundo em que vivem, correlacionado fenômenos naturais e sociais em diferentes escalas espaço-temporais. Concordamos com Moreira (1982):

Yves Lacoste intitulou seu livro recente: A Geografia Serve Antes de Mais Nada para Fazer a Guerra. Diríamos, alargando o significado desse enunciado, que a geografia, através da análise dialética do arranjo do espaço, serve para desvendar máscaras sociais, vale dizer, para desvendar as relações de classes que produzem esse arranjo. É nossa opinião que por detrás de todo arranjo espacial estão relações sociais, que nas condições históricas do presente são relações de classe. (MOREIRA, 1982. p.2).

Recorrendo aos elementos mais ancestrais da concepção de geografia, Moreira propõe que desde seu surgimento até a atualidade, a geografia traz em seu germe a essência de sua episteme, a qual seja: a interação dos entes com o meio, e a interação dos entes sobre o meio numa complexa rede de interações e correlações.

3 CONCLUSÃO

A geografia, por consequência, desperta de seu estudo, a possibilidade da localização de si e atribui sentido a esta. O estar do ser, suas relações e desdobramentos, revelam o sentido das ocupações espaciais e a especificidade das relações sociais. Mais do que localizar e compreender espaços a geografia, pode (e deve) despertar nos sujeitos a capacidade de localizar a si próprio e localizar-se no arranjo social. É a partir da interpretação crítica da organização espacial que a geografia se apresenta enquanto ciência humana, inclusiva por sua própria natureza, articulada com outros conhecimentos, propondo a leitura imersiva na relação homem/natureza.

As necessidades de um educador de geografia são vastas e abrangentes. Esses requisitos incluem a criação de pensamento crítico, compreensão da importância da educação, desenvolvimento de valores como responsabilidade e reflexão e ampliação do conhecimento pessoal. Os educadores de geografia devem manter um contato próximo com os currículos escolares, a fim de preencher a lacuna entre o conhecimento e sua aplicação em ambientes de sala de aula. Os professores devem sempre buscar novas maneiras de melhorar sua compreensão, usar recursos em sala de aula para criar métodos de aprendizagem mais eficientes, desenvolver métodos criativos para melhorar a compreensão dos alunos sobre as aulas de geografia, bem como desenvolver sua compreensão do ensino de Geografia nas escolas.

Os professores de Geografia podem utilizar seu poder de referência disciplinar para discutir a importância do espaço geográfico na vida de um aluno, interferir no processo de construção do conhecimento do aluno, fazendo-lhes perguntas sobre seus pensamentos e cultura. Ao participar das discussões em classe, os alunos desenvolvem uma compreensão mais profunda do espaço e sua importância cultural. Os professores de geografia são responsáveis por inspirar seus alunos a apreciar a importância das questões sociais. Entender as tendências geográficas não precisa ser apenas importante - é uma parte necessária para expandir o entendimento além dos limites da escola. A atividade profissional exercida pelo professor é importante para os alunos e para a sociedade; transmitem informações valiosas, agindo como uma ponte entre os alunos e o mundo ao seu redor.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Raimundo Lenilde de. Ensino de Geografia: perspectiva histórico-curricular no Brasil republicano. 2012. 139f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2012.

CASSETI, V. A natureza e o espaço geográfico. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Orgs.) Elementos de epistemologia da geografia contemporânea. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.

CASTELLAR, Sônia. A psicologia genética e a aprendizagem no ensino de geografia. In: _____. (Org.). Educação geográfica: teoria e práticas docentes. São Paulo: Contexto, 2006.

CAVALCANTE. M BIESEK. O uso de tecnologia no ensino de Geografia: experiência na formação de professores. 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. Anais. Porto Alegre.

CAVALCANTI, L. D. S. Geografia e práticas de ensino. Goiânia: Alternativa. 2002.

CAVALCANTI, Lana de Souza. O ensino de geografia na escola. Campinas, SP: Papirus, 2012. p. 45 – 47.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.) Geografia: conceitos e temas. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p.15-48.

DIAS, Elayne Cristina Rocha; PORTELA Mugiany Brito. Ensino de Geografia Para o Deficiente Auditivo: Estudo De Caso da Unidade Escolar Matias Olímpio De Teresina – Piauí. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica / Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 1, n. 1, p. 80-106, jul. / dez. 2013.

FREITAS. M. I. Castreghini de; ZUCHERATO, Bruno; VENTORINI, Silva Elena. Educação especial em Geografia: o ensino de gráficos histogramas para alunos cegos e de baixa visão por meio de práticas. XXI Congresso de Iniciação Científica da UNESP. São José do Rio Preto: UNESP, 2009.

FREITAS. Reinaldo de. Ensino de Geografia e Educação Inclusiva: estratégias e concepções. Revista Urutágua. Nº 14 – dez.07/jan./fev./mar.2008. Maringá: UEM, 2008.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Geografia e Modernidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HARVEY, David. A geografia do Manifesto. Lutas Sociais, n. 4, p. 65-74, 1998.

HARVEY, David. A geografia do Manifesto. Lutas Sociais. São Paulo.

MARTINS, Rosa. E. M. W. Os desafios na construção dos saberes docentes do professor de geografia. Linguagem Educação e Sociedade, Teresina, Ano 01, n. o1, jan/abr. 2017.

MORAES, Antonio Carlos Robert. O sentido formativo da Geografia. Instituto de estudos avançados da universidade de São Paulo (IEA-USP), 2009.

MOREIRA, Ruy. A insensível natureza sensível. _____. Círculo e a espiral: para a crítica da geografia que se ensina. cap, v. 1.

MOREIRA, Ruy. O que é geografia. São Paulo: Brasiliense, 2009.

MOREIRA, Ruy. Pensar e ser em Geografia. São Paulo: Contexto, 2007.

PENA, Fernanda Santos. Surdez e a formação de professores de Geografia: algumas considerações. VI Seminário Sociedade Inclusiva. Belo Horizonte: PUC Minas, 2010.